



AS CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS NO CONTINENTE AMERICANO

THE PRE-COLOMBIAN CIVILIZATIONS ON THE AMERICAN CONTINENT

REGERT, Rodrigo 1
BAADE, Joel Haroldo 2
RIBEIRO, Arã Paraguassu 3
ZIEDE, Mariangela Kraemer Lenz 4

RESUMO: O estudo das civilizações pré-colombianas no continente americano é um imperativo, de modo a contribuir para a dissipação da ideia de que a história do continente tenha iniciado com a chegada dos europeus a partir do final do século XVI. O presente artigo tem como objetivo descrever as principais características das civilizações pré-colombianas, com atenção especial ao tema da cultura. Trata-se de uma pesquisa descritiva com base bibliográfica. O fato de inicialmente se concluir que as principais civilizações pré-colombianas são aquelas que existiam no continente americano no momento da chegada do europeu, tais como: os Maias, os Astecas e os Incas, não desconsidera as demais. Ao contrário, são ressaltadas algumas delas, a saber: as do Norte Chico, os Olmecas e a dos Chavín. Conclui-se que as civilizações pré-colombianas formavam sistemas sociais complexos e possuíam riqueza cultural comparáveis a outras sociedades antigas, como as da África e Antigo Oriente, e o resgate da sua história constitui tarefa inalienável para que se possa pensar na construção de uma identidade não eurocêntrica no continente americano.

Palavras-chave: Civilizações pré-colombianas. Cultura. Maias. Astecas. Incas.

ABSTRACT: *The study of pre-Colombian civilizations on the American continent is an imperative in order to contribute to dissipating the idea that the history of the continent began with the arrival of the Europeans as of the end of the 16th century. The goal of this article is to describe the main characteristics of the pre-Colombian civilizations, with special attention on the theme of the culture. It is a descriptive research with a bibliographic base. The fact that initially the conclusion is that the main pre-Colombian civilizations are those which existed on the American continent at the time of the European arrival, such as the Mayas, the Aztecs and the Incas, not disregarding the others. On the contrary, some of them are highlighted namely: the North Chico, the Olmecas and Chavin. The conclusion is that the pre-Colombian civilizations formed complex social systems and possessed a cultural wealth comparable to other ancient societies, such as those of Africa and the Ancient East, and the recovery of their history constitutes an inalienable task in order to be able to think of constructing a non-Eurocentric identity on the American continent.*

1 Licenciado e Filosofia. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Bolsista do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior de Santa Catarina, FUMDES. Recebe bolsa auxílio a docente da UNIARP para frequentar curso de pós-graduação “stricto sensu”. E-mail: regert.rodriigo@gmail.com.

2 Teólogo. Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e do Programa Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). E-mail: baadejoel@gmail.com.

3 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). E-mail: araqmc@gmail.com.

4 Doutora em Educação (UFRGS/RS). Professora-pesquisadora dos Mestrados Profissional em Educação Básica e



Keywords: *Pre-Colombian Civilizations. Culture. Mayas. Aztecs. Incas.*

1 INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas do continente americano receberam muitas influências dos colonizadores europeus. Basicamente todo o modo de pensar predominante está voltado a essa cultura Ocidental. Como não são fartos os estudos referentes às civilizações existentes no continente americano antes da chegada dos colonizadores europeus, o presente artigo se propõe a descrever as principais civilizações existentes nesse período, como a do Norte Chico, a dos Olmecas e a dos Chavín e, sobretudo, após a chegada dos ibéricos, os Maias, os Astecas e os Incas.

Tornar vivas essas civilizações e buscar compreendê-las, por meio da descrição da sua cultura, faz-se necessários para cada vez mais se avance na compreensão e valorização de uma identidade do continente americano que transcenda às descrições eurocêntricas. O resgate das memórias esquecidas, ou muitas vezes intencionalmente apagadas, é fundamental para o resgate da identidade das civilizações. A tarefa permite vislumbrar a diversidade inerente às sociedades humanas, até mesmo das aparentemente mais homogêneas, e contribui para a valorização de tal diversidade, colaborando para a promoção de espaços de respeitabilidade, sem distinções de qualquer natureza.

Assim, o presente artigo tem como objetivo descrever as principais características das civilizações pré-colombianas, com atenção especial ao tema da cultura. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa descritiva, utilizando-se como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica.

2 O continente americano e a sua “descoberta”

O *homo sapiens* habita a face da terra há pelo menos 20 mil anos, desenvolvendo-se inicialmente em pequenos grupos humanos. A organização social foi uma condição essencial para a sua sobrevivência e prosperidade, até o advento das grandes civilizações da antiguidade. Em geral, a literatura concorda que as primeiras civilizações podem ser situadas na Mesopotâmia, por volta dos séculos VI e VII a.C. (CAMPOS; CLARO, 2013).

É comum, entretanto, encontrarem-se no mesmo período outras civilizações, o que pode ser comprovado com formas rudimentares de escrita. De acordo com Azevedo e Seriacopi (2013, p. 39), “a Suméria foi talvez a primeira delas, embora os chineses já tivessem rudimentos de escrita por volta de 7000 a.C.”.

No continente americano, pode-se encontrar rudimentos de escrita que remontam aproximadamente ao ano 900 a.C., relativos à civilização Olmeca. As imagens, mesmo sendo extremamente abstratas, passaram a representar sílabas (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013). Devido a isso, torna-se um tanto sem sentido afirmar que o continente americano passou a se desenvolver somente após a chegada de Cristóvão Colombo, em 12 de outubro de 1492. Da mesma forma, é relativa a presença de Pedro Álvares Cabral no continente por volta de 1500 com a finalidade de averiguar o que ali havia de importante.

Colombo chegou a Lisboa em torno de 1479. Leitor de narrativas de viagens, principalmente as do veneziano Marco Polo, Colombo acreditava, como outros navegadores e cartógrafos da época, na possibilidade de alcançar o Oriente a partir do oceano Atlântico. Entre os mais influentes estava o cosmógrafo Paulo Toscanelli, que enviara carta ao rei português, em 1474, tratando da viabilidade da navegação do Atlântico, da circularidade da Terra e de seus planos para alcançar as riquezas das Índias de maneira mais fácil que contornando o continente africano. Em 1484, Cristovão Colombo submeteu um plano baseado nas reflexões de Toscanelli ao rei d. João II, que o recusou em função da exploração da costa africana, que àquela altura mostrava-se bem adiantada. No ano seguinte, seguiu para a Espanha, onde, seis anos depois, conseguiu apoio para empreender sua viagem pelo Atlântico. É curioso que o monarca português, mesmo recusando a proposta de Colombo, tenha autorizado entre 1486 e 1487 uma expedição a Oeste e concedido o direito de exploração das terras que viesse a descobrir. No século XV, já era conhecida em Portugal a obra do Cardeal d'Ailly, intitulada *Imago Mundi*, que sustentava ser pequena a distância pelo Atlântico entre a Espanha e as Índias. Além disso, acreditava-se, pela circulação de narrativas das viagens de São Brandão, que o Atlântico Norte contivesse ilhas afortunadas. Mesmo assim, os esforços portugueses concentravam-se na rota africana, e os conselheiros de d. João II, cartógrafos e conhecedores das artes náuticas, desaconselharam a aventura de Colombo (CAMPOS; CLARO, 2013, p. 195).

A expedição de Pedro Álvares Cabral acreditava, portanto, estar se dirigindo à Índia, por isso se deu o nome de índios aos nativos encontrados no continente. Nessas condições, a viagem de Cristovão Colombo ficou sendo o ponto de referência para o suposto “descobrimento” do continente americano no final do século XV. É preciso enfatizar a relatividade do termo descoberta em relação à chegada do europeu às Américas. Segundo o dicionário MICHAELIS (2009, p. 272), descoberta é o mesmo que “[...] descobrimento. Ato ou efeito de achar ou passar a conhecer algo cuja existência era desconhecida”. Assim, a América é descoberta somente na perspectiva das populações europeias dos séculos XV e XVI, pois estas desconheciam até então a existência do continente, bem como as sociedades que o habitavam.

Os povos ou civilizações existentes no continente americano antes de sua “descoberta” passaram, então, a se tornar conhecidos pelos desbravadores e, conseqüentemente, em todo o continente europeu.

2.1 Principais civilizações anteriores ao processo de colonização da América

Há alguns milênios, a partir de formas inicialmente rudimentares de vida social, o ser humano começou a se organizar e a viver em comunidade, inclusive no continente americano. Essas comunidades, das quais restam apenas vestígios, provavelmente viviam no continente americano por volta do sexto milênio a.C. Corroboram essa cronologia Azevedo e Seriacopi (2005, p. 167), ao afirmarem que

[...] por volta de 4500 a.C., as práticas agrícolas já haviam se consolidado no continente americano. Diversos povos da região plantavam milho, abóbora, pimentão, tomate, feijão. Por essa época, grupos nômades se sedentarizaram e formaram os primeiros assentamentos do continente.

Há relatos de que desde os primórdios o continente americano é habitado, no entanto se tem poucas informações sobre esse processo, uma vez que a grande maioria dos estudos é voltada ao continente europeu, de onde se dissemina toda a civilização ocidental, sua cultura, seu pensamento.



mento.

Inicialmente essa presença se limitava a pequenos grupos que viviam de pequenas plantações e do que a própria natureza lhes oferecia.

Com o tempo, alguns desses povoados cresceram e assumiram uma estrutura mais complexa, comercializando produtos e constituindo formas de poder centralizadas em torno de um líder comunitário ou religioso. Surgiram, assim, centros cerimoniais que, em alguns casos, se transformaram em cidades-Estados. Nesse processo, desenvolveram-se algumas civilizações, como as dos Norte Chico, a dos Chavín e a dos Olmecas (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005, p. 167).

Corroborando com a afirmação acima, Japiassú e Marcondes (2008) entendem por “povoado” um conjunto de indivíduos que habitavam ou habitam uma mesma região e que possuíam ou possuem características semelhantes. A partir do momento em que esses povoados passam a ter características mais complexas de organização, começam a surgir as civilizações, que, de acordo com Johnson (1997), possuem essas características – complexas – para auxiliar no bom convívio entre as pessoas.

Dessa forma, à medida que os povoados foram se estruturando, desenvolveram formas específicas de cultura e organização social, tornando-se, portanto, civilizações. As civilizações conhecidas nesse primeiro momento no continente americano foram a dos Norte Chico, Olmecas e Chavín.

Segundo Azevedo e Seriacopi (2005), a civilização que vivia no Norte Chico, região do atual Peru, fundou a cidade de Caral por volta de 2.627 a.C., que se localizava a aproximadamente 200 quilômetros da atual capital, Lima. Seu povo cultivava algodão, frutas e legumes, e construiu enormes pirâmides. Não se tem muitas informações sobre a provável forma de vida dos seus habitantes, no entanto se sabe que foi o primeiro centro urbano do continente (CAMPOS; CLARO, 2013). Essa civilização entrou em decadência por volta do ano 1.800 a.C. Além disso, Haas et al. (2013, p. 4945) demonstraram em seu estudo o amplo cultivo de milho por esta civilização:

For more than 40 y, there has been an active discussion over the presence and economic importance of maize (Zeamays) during the Late Archaic period (3000–1800 B.C.) in ancient Peru. [...] New data drawn from coprolites, pollen records, and stone tool residues, combined with 126 radiocarbon dates, demonstrate that maize was widely grown, intensively processed, and constituted a primary component of the diet throughout the period from 3000 to 1800 B.C.

A complexidade da civilização do Norte Chico também se evidencia na diversidade e particularidade encontrada nos sítios rupestres dessa região, conforme estudando em demonstrado por Ballereau e Fernández (1999).

Outra civilização importante para o continente americano foi a dos Olmecas, que se desenvolveu nas regiões tropicais do México por volta do ano 1.400 a.C., onde hoje se encontram os estados mexicanos de Veracruz e Tabasco. Crê-se que esta tenha sido a civilização-mãe de todas as civilizações mesoamericanas.

Quatro séculos depois, na região hoje conhecida como golfo do México, verificava-se o desenvolvimento da sociedade olmeca. Grandes escultores, os olmecas criaram obras como as colossais cabeças de pedra e de jade que representavam seus soberanos. Eram também bons agricultores e artesãos. Além disso, sabiam calcular a duração do ano e do mês lunar, chegando até mesmo a desenvolver calendário e escrita. Seu declínio ocorreu por volta do século III a.C. (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005, p. 24).



As fontes sobre essa civilização são escassas; e o contexto arqueológico é quase que exclusivamente o meio para se conhecê-la. Conforme afirma Casellas Cañellas (2004, p. 15):

Hay muchas lagunas en el conocimiento de los olmecas. No se dispone de textos, ni imágenes históricas, ni tradición oral que se pueda recuperar a partir de documentos otros pueblos. El contexto arqueológico es el documento más extenso al que acogernos para conocerlos.

“Os olmecas se dividiam em diferentes classes sociais. Quem nascia em uma delas jamais podia ascender a outra. A classe superior era composta pelos sacerdotes.” (OLMECA, 2016, WEB).

Igualmente, outra civilização importante, segundo também Azevedo e Seriacopi (2005, p. 38), foi a dos Chavín, que “começou a se desenvolver na região dos Andes, na América do Sul, a partir de 1.200 a.C. Seu apogeu ocorreu entre 1.000 e 800 a.C”. Claro está, portanto, que a América do Sul teve também a sua forma de civilização, e a que melhor representa essa ideia foi exatamente a cidade de Chavín Huánter, onde surgiram as primeiras formas do Estado Teocrático. A civilização dos Chavín teve o início do seu declínio por volta do ano 400 a.C. (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005).

Os estudos em relação a essa civilização ainda são relativamente escassos. Entre os poucos encontrados se pode citar Montenegro (2014), que se ocupou com as festividades e relações de poder existentes entre os Chavín. Segundo o autor:

Durante el período Formativo de los Andes Centrales (1.800-200 a.C.) se dio una gran profusión de centros ceremoniales en la costa y sierra norte, y la costa y sierra central, en donde los sistemas religiosos regularon, entre varios otros aspectos, los usos y costumbres del poblador de estas regiones. En algunos casos estos centros cumplieron el rol de satisfacer las necesidades religiosas de una población, a cambio de la fuerza de trabajo necesaria para que el sistema religioso representado en el centro pueda supervivir y prev-alecer entre otros (MONTENEGRO, 2014, p. 313).

Ao se considerar a complexidade das três civilizações apontadas acima, embora as fontes históricas não permitam mais detalhamentos sobre a sua cultura, deve-se considerar que uma história do continente americano não é possível sem elas. Pode-se afirmar assim que há uma história significativa no continente americano também antes da colonização europeia.

2.2 Principais civilizações após a descoberta da América

Por volta do século XV, estima-se que perto de 100 milhões de indígenas, pertencentes a diversos grupos étnicos, ocupavam a América. Várias civilizações se desenvolveram no continente (VICENTINO; DORIGO, 2013, p. 100), contudo, as principais e mais conhecidas que se constituíram antes da colonização europeia na América foram as Maias, Astecas e Incas.

A civilização Maia já havia entrado em colapso no século XIII, porém, quando da chegada de Colombo à América, ainda havia alguns grupos remanescentes dessa civilização (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005). Cada civilização possuía um território bem especificado e tinham a sua cultura e forma de vida bem peculiar.

Os Maias habitavam a região sul do atual México, que foi ocupada por diversos povos por volta de 7.000 a.C. Eram agricultores que transformaram suas aldeias em grandes cidades a partir de 1.000 a.C. Passaram a existir com essa nomenclatura por volta do ano de 1.800 a.C.



Em torno de 200 d.C., os maias conseguiram submeter toda a região controlada anteriormente por olmecas, zapotecas, mixtecas e teotihuacanos. Nesse momento, a sociedade maia era formada por cerca de 200 cidades na região hoje ocupada pelo México (na América do Norte), Guatemala, Belize, Honduras e El Salvador (todos na América Central) (CAMPOS; CLARO, 2013, p. 197).

Por volta do século XIII, os astecas combateram os maias e conquistaram a parte central do Império Maia no Vale do México e, em seguida, no século XV, desenvolveram um grande império em parte do México e da América Central.

Quando os espanhóis desembarcaram na América, seu império era comandado por Montezuma II, estendia-se por uma superfície de mais de 200 mil quilômetros quadrados e possuía uma população de 5 a 6 milhões de habitantes. A capital, Tenochtitlán, atual Cidade do México, foi fundada, segundo as tradições mexicanas, em 1325. Na época, era uma das maiores cidades do mundo (CAMPOS; CLARO, 2013, 198).

Os astecas também eram conhecidos como mexicas, ou seja, aqueles que vinham de Astlán, um lugar no qual existiam muitas garças (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005).

Já o Império Inca, cujo nome significa o Filho do Sol, via no Sol a força do poder que seu governo exercia. Esse nome foi estendido a toda a dinastia, designando as sociedades indígenas que viviam nos Andes. De acordo com Campos e Claro (2013), o Império Inca era chamado de Tahuantinsuyu, ou seja, o mundo dos quatro cantos. Em sua capital viviam os governantes de cada canto do Império.

O nome da capital do antigo império tem um significado interessante para os Incas: Cuzco, o umbigo do mundo. Ou seja, o meio, o centro do universo – um nome bem ambicioso, mas que fez jus por um longo período.

2.3 Breve história e forma de vida da Civilização Maia

Os Maias viviam na região da América Central, na península de Yucatán, no sul do México. Sua sociedade surgiu por volta de 1.800 a.C. e perdurou por mais de 3 mil anos. Nesse período, ocupou uma área de quase 500 mil quilômetros quadrados (CAMPOS; CLARO, 2013). Essa região abrangia desde o sul do México atual até Belize, Guatemala, Honduras e El Salvador, na América Central.

Sua história costuma ser dividida em três grandes períodos: pré-clássico, que se estende de 1800 a.C. até 250, e é a época de formação da sociedade maia; clássico, período de maior esplendor, compreendido entre 250 e 900; e pós-clássico, que vai de 900 até 1500, quando os maias entraram em declínio e foram dominados pelos colonizadores espanhóis (AZEVEDO; SERICAPI, 2005, p. 168).

O período pré-clássico dos Maias teve início quando povos vindos do Oeste (atual Estados Unidos) se concentraram nas regiões do México e da América Central. Foi nesse lugar que surgiram os primeiros povoados, cujos habitantes viviam basicamente da pesca e da agricultura, sendo seu principal cultivo o milho (HAAS et al., 2013).

É importante perceber que a agricultura sempre esteve ligada à formação dos povoados, pois, como estavam deixando de ser nômades, tinham de encontrar outra forma para a sua subsistência. De acordo com Campos e Claro (2013, p. 197):



Os agricultores e trabalhadores braçais, submetidos ao Estado, moravam na zona rural e só se deslocavam até as cidades para celebrar rituais religiosos e fazer negócios. [...] os principais produtos cultivados eram, em primeiro lugar, o milho, e também o feijão, abóbora, vários tubérculos, cacau, mamão, abacate, algodão e tabaco.

À medida que foram se familiarizando com traços que a herança olmeca havia deixado na região e desenvolvendo estudos sobre essa civilização, passaram a construir pirâmides, centros religiosos e outras obras de envergadura em grande quantidade.

Segundo Campos e Claro (2013), as cidades possuíam uma organização político-religiosa, existindo a família real, os governantes, os servidores, os cobradores de impostos e um centro cerimonial independente dos demais. No entanto, foi no período seguinte que a civilização maia atingiu o seu apogeu. Houve grandes avanços científicos, tecnológicos, sociais e artísticos, aliados ao grande crescimento das populações. Algumas cidades, como Tikal, chegaram a ter aproximadamente 60 mil habitantes.

Diante disso, elas passaram a ser cada vez mais sólidas e autônomas para zelar pela sua própria subsistência, desenvolvendo, por exemplo, o próprio comércio (CAMPOS; CLARO, 2013), ao passo que seus sacerdotes, poderosos, controlavam todo o saber referente às mudanças do ano, à agricultura e à vida econômica na sociedade. Desenvolveram nesse período dois calendários, o seu zodíaco, além de estabelecerem a escrita e um sistema numérico (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013).

No período pós-clássico, por volta do ano 900, a península de Yucatán passou a sofrer invasões de outros povos, dentre eles os toltecas. Com a chegada dos espanhóis no final do século XV, os Maias entraram em processo de assimilação (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005).

A civilização maia foi importante, pois nela se encontra basicamente o início de toda a civilização do continente americano. A junção de diversos povos, muitos deles desconhecidos, permitiram uma nova forma de vida. Essa civilização contribuiu para o desenvolvimento do continente, uma vez que, embora extinta por volta do século XV, foi pioneira em desenvolver grandes avanços na área do comércio, das ciências sociais e tecnológicas.

As atividades comerciais eram relativamente intensas. Usando sementes de cacau como moeda, os maias comercializavam com outros povos produtos como obsidiana, jade, peles, baunilha, tecidos, sal, etc. A observação dos astros tornou-se atividade significativa. Como resultado de seus estudos, os astrônomos maias mediram com precisão o ciclo do Sol, da Lua e de Vênus e desenvolveram dois calendários: um ritual, de 260 dias, e outro civil, de 365 dias. Além disso, criaram seu próprio zodíaco, de 13 signos (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013, p. 11).

De acordo com Campos e Claro (2013), a civilização maia criou também o conceito matemático baseado num número equivalente a zero com base 20, simbolizado por pontos e barras. É importante ressaltar que essa civilização era muito bem instruída e tinha na pesquisa um dos seus pontos fortes, mas ia além, criando uma forma de pensar distinta, manifesta pela arte. Conforme Azevedo e Seriacopi (2013, p. 11, grifo nosso), os Maias

[...] inventaram o mais avançado sistema de escrita da América pré-colombiana. Essa escrita, de caracteres hieroglíficos, é encontrada em códices, monumentos e estelas. A arte ganhou impulso, destacando-se os objetos de cerâmica, as esculturas de barro ou de jade e as pinturas murais que retratam diversos aspectos da vida religiosa da população.

Com o processo de colonização europeu, boa parte das tecnologias e da cultura maia foram suplantados, embora possa ter havido alguns traços culturais que tenham sofrido assimilação pelo



colonizador, tais como: a cultura do milho e outros produtos.

2.4 Breve história e forma de vida da Civilização Asteca

Os Astecas também possuíam outra denominação: Mexicas. No início, os Mexicas eram uma das várias tribos nômades que viviam no norte da atual região mexicana. No ano de 1168, iniciaram uma longa caminhada para o sul em busca de melhores terras e de um clima ameno, pois no norte o clima era predominantemente seco e muito acidentado. Esse deslocamento só terminou em 1325. Acabaram se instalando no planalto central do México (CAMPOS; CLAROS, 2013).

Ao chegaram, foram subjugados pelos tepanecas, que já viviam na região juntamente com outros povos. Como a ilha não era grande para todos, os astecas, mesmo dominados pelos tepanecas, construíram ao redor ilhas artificiais conhecidas como chinampas. Da junção das chinampas com a ilha central surgiria a cidade de Tenochtitlán, que seria mais tarde a capital asteca e, séculos depois, do próprio México atual, como o nome de Cidade do México (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005, p. 168 - 169).

Se, de acordo com o dicionário Michaelis (2009, p. 823), subjugar é “entregar-se espontaneamente ao jugo ou governo de outrem; seguir alguém em todos os caprichos ou devaneios”, à medida que os Astecas faziam os caprichos dos tepanecas, iam aprendendo técnicas, conhecimentos militares, políticos. A sujeição dos mexicas durou aproximadamente 100 anos, enquanto foi se constituindo uma “sociedade mais complexa, dotada de uma monarquia hierárquica. Em 1428, liderados por Itzcóatl, eles se rebelaram contra os tepanecas, libertando-se do jugo” (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013, p. 12).

Assim também foram aos poucos dominando as demais civilizações vizinhas existentes ao redor do planalto central do México, ampliando consideravelmente a região e sua população.

[...] o Império Asteca, que era comandado por Montezuma II, estendia-se por uma superfície de mais de 200 mil quilômetros quadrados e possuía uma população de 5 a 6 milhões de habitantes. A capital, Tenochtitlán, atual Cidade do México, foi fundada, segundo as tradições mexicas, em 1325. Na época era uma das maiores cidades do mundo (CAMPOS; CLARO, 2013, p. 198).

A capital do império dos mexicas, quando os espanhóis chegaram ao continente, era extremamente grande, pois Londres, considerada a maior cidade europeia, tinha aproximadamente um quinto do seu número de habitantes (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005).

O governo asteca era exercido por um monarca eleito pela nobreza, que tinha poder absoluto, orientado sempre pelo conselho dos chefes militares. Compunham ainda a nobreza os funcionários públicos que possuíam privilégios e os religiosos que tinham um importante papel na organização social. Logo abaixo vinham os negociantes, que também eram conhecidos como Pochtecas e faziam negócios por todo o império, utilizando, como os maias, sementes de cacau como moeda de troca (CAMPOS; CLARO, 2013).

Em seguida, vinham os artesãos, muito respeitados pela hierarquia asteca, e os camponeses, que cultivavam as terras plantando milho, feijão, tomate, etc. De acordo com Azevedo e Seriacopi (2005, p. 169), “o último degrau da pirâmide social era ocupado pelos escravos, geralmente indígenas, prisioneiros de guerra ou pessoas que não haviam conseguido quitar suas dívidas”.

2.5 Breve história e forma de vida da Civilização Inca



A civilização inca reconhecia no Sol o poder de toda a sua forma de governo e acreditava também que ele era o elemento primordial e vital de toda e qualquer forma de vida existente.

De acordo com Campos e Claro (2013), provavelmente a partir do século XII, os Incas fundaram um império muito poderoso, abrangendo o Peru, o Equador, a Bolívia e parte do Chile e da Colômbia.

Sua origem remonta aos Andes bolivianos, numa região ao sul do lago Titicaca, a aproximadamente 3.800 metros acima do nível do mar, e migraram inicialmente para o Peru em busca de terras férteis e melhores condições de vida (CAMPOS; CLARO, 2013). Ao chegarem ao Peru, encontraram outras tribos nativas, o que fez que se estabelecessem no chamado Vale do Cuzco, região na qual há uma depressão na cordilheira andina.

Ali os incas viveram inicialmente subordinados a grupos falantes da língua quéchua. No início do século XIV, no entanto, já haviam se tornado o mais importante povo de uma federação de tribos andinas. Com um exército bem organizado, apoiado na prestação de serviço militar obrigatório, eles conquistaram pouco a pouco novos territórios. Em menos de cem anos, seus antigos aliados da federação haviam sido subjugados. Era o início do Império Inca (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005, p. 170).

O Império Inca viveu seu apogeu no século XVI, compreendendo uma área de mais de um milhão de quilômetros quadrados, chegando até o início da Argentina. Conforme já mencionado de forma breve, de acordo com Campos e Claro (2013, p. 199):

O Império Inca era chamado de Tahuantinsuyu, que quer dizer “o mundo dos quatro cantos”, pois era dividido em quatro partes. Sua capital, Cuzco, significa o “umbigo do mundo”. Cada um dos cantos do Império era dividido em províncias de diversos tamanhos, com uma capital ou centro em cada uma delas. Os governantes de cada canto do Império viviam em Cuzco.

Os Incas chegaram a governar em torno de 100 povos distintos, por isso essa forma de governo. Todos eles adoram um único soberano, o Sapa Inca, entendido como o filho do Sol, e o viam como um verdadeiro deus. Assim, a civilização inca era composta, basicamente, no topo, pelo soberano e seus descendentes, que formavam a aristocracia; pela nobreza, formada pelos chefes regionais e funcionários mais qualificados; em seguida, os agricultores e artesãos; e por último os escravos (CAMPO; CLARO, 2013).

A maioria da população era formada por lavradores, pois a produção agrícola era a base da vida econômica. Ao casar-se, cada lavrador recebia um lote de terra no qual cultivava principalmente milho, batata-doce, abacate, quinoa, amendoim e batata. Os camponeses eram obrigados a trabalhar nas obras públicas e nas terras do Inca e prestar serviço militar (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013, p.16).

Desenvolveram-se, a partir dessa organização, as aldeias em que viviam os camponeses e as suas famílias. No entanto, além dos lotes individuais, também existiam terras coletivas, nas quais eram criadas a alpaca e a lhama. Daquela os incas utilizavam, sobretudo, a lã para a fabricação de tecidos, enquanto esta era utilizada como meio de transporte de carga. Por fim, ambas também serviam como alimento.

De acordo com Azevedo e Seriacopi (2005), os incas, por meios de um sistema eficiente de estradas que ligavam todo o território, de norte a sul, de leste a oeste, abasteciam todo o seu império. Essas estradas totalizavam aproximadamente 50 mil quilômetros.

Ao longo dessas estradas, engenheiros, acompanhados dos trabalhadores, erguiam verdadeiras novas cidades, criando muitos templos e palácios. Nas mais desenvolvidas, havia um siste-



ma de água encanada e de esgoto – um exemplo disso é a cidade de Machu Picchu, conhecida no mundo todo e de grande fluxo de turistas (CAMPOS; CLARO, 2013).

Algumas obras resistiram à ação do tempo, ao vandalismo e aos terremotos e ainda estão de pé. Um dos exemplos mais significativos é Machu Picchu, cidade encravada no alto de uma montanha no Peru e considerada o principal conjunto arquitetônico pré-colombiano do continente americano (AZEVEDO; SERIACOPI, 2013, p. 16).

Não se sabe ao certo o que havia em Machu Picchu. Alguns estudiosos acreditam que se tratava de um templo religioso, outros que era uma espécie de universidade. O que se tem consenso é que poucos incas sabiam da sua existência (CAMPOS; CLARO, 2013). Talvez seja esse o fator que fez com que ela passasse despercebida, sendo descoberta apenas no ano de 1911 por um norte-americano, Ahrom Bingham (AZEVEDO; SERIACOPI, 2005).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, procurou-se demonstrar um pouco da importância que as civilizações pré-colombianas têm para o continente americano, uma vez que foram esses grupos os seus verdadeiros colonizadores. Antes mesmo da chegada de Colombo ao continente americano, algumas civilizações já existiam e outras já haviam sido extintas, como a do Norte Chico, a dos Olmecas e a dos Chavín.

A civilização do Norte Chico foi a que fundou o primeiro centro urbano do continente. Com uma vida relativamente simples, mas muito bem organizada, seus habitantes cultivavam algodão, frutas e vários legumes, além de terem construído várias pirâmides. Essa civilização teve a sua decadência por volta do ano 1.800 a.C.

Os Olmecas também tiveram a sua decadência por volta do ano 1.400 a.C. Essa população de grandes escultores se desenvolveu nas regiões tropicais do México. Existem estudos que afirmam que os olmecas são a civilização-mãe de todas as civilizações mesoamericanas.

A civilização dos Chavín se localizava nas regiões dos Andes da América do Sul por volta do ano de 1200 a.C. e teve seu declínio por volta do ano 400 a.C. Nela foi encontrada a primeira forma de estado teocrático.

À chegada de Colombo ao continente americano, existiam outros tantos povos, no entanto as civilizações que mais se destacavam pela sua grandiosidade e organização eram os Maias, os Astecas e os Incas.

Os Maias eram uma civilização muito bem instruída e tinha na pesquisa um dos seus pontos fortes. Desenvolveram grandes avanços na área do comércio e o conceito de matemática, além de outros.

Os Astecas tinham na educação o seu maior atributo. Entendiam que uma civilização sem dar importância à educação não teria futuro, pois somente por meio dela seriam fortes e vitoriosos. Desenvolveram também uma engenharia de ponta que procura dar toda estrutura possível às suas cidades.

Os Astecas tinham na educação o seu maior atributo. Entendiam que uma civilização sem dar importância à educação não teria futuro, pois somente por meio dela seriam fortes e vitoriosos.

5 Segundo o dicionário Michaelis (2009), alpaca é um animal mamífero com muita lã, enquanto a lhama é um animal da família do camelo, com porte bem menor.



Desenvolveram também uma engenharia de ponta que procura dar toda estrutura possível às suas cidades.

Talvez sejam os Incas, sem desmerecer outras civilizações desse período, que mais contribuíram para o desenvolvimento do continente. Eles foram os primeiros a implantar uma forma de correios, interligada e eficiente. Criaram também uma escrita não formal, mas muito eficiente para a sua contabilidade. Os técnicos dessa civilização também tinham um papel importantíssimo, pois eles iam às colônias ensinar formas de plantio e cultivo de terras, além de técnicas para o cuidado com os animais, bem como, ainda, a desidratação dos alimentos para o inverno.

Por fim, conclui-se que os estudos sobre as civilizações pré-colombianas merecem mais destaque, pois ainda não há clareza quanto às contribuições que tais culturas deixaram para as civilizações que se desenvolveram após os processos de colonização desencadeados pelos europeus. O estudo das formas de agricultura, organização dos estados e relações sociais existentes nessas civilizações pode contribuir ainda hoje para uma melhor compreensão dos sistemas atuais e também para a sua ressignificação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gislaine Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento: dos primeiros humanos ao estado moderno**. 2.ed. v. 1. São Paulo: Ática, 2013. 376 p.

AZEVEDO, Gislaine Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento: o mundo moderno e a sociedade contemporânea**. 2. ed. v. 1. São Paulo: Ática, 2013. 400 p.

AZEVEDO, Gislaine Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História: volume único**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2005. 552 p.

BALLEREAU, Dominique; NIEMEYER FERNANDEZ, Hans; PIZARRO WILLIAMS, Eduardo. Los Sitios Rupestres Del Valle Del Río Hurtado Superior (Norte Chico, Chile). **Chungará, Revista de Antropología Chilena**, v. 31, n. 2, p. 229-292, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73561999000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2016.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 83 p.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. **Oficina de História**. 1.ed. São Paulo: Leya, 2013. 288 p.

CASELLAS CAÑELLAS, Elisabeth. **El contexto arqueológico de la cabeza colosal olmeca número 7 de San Lorenzo, Veracruz, México**. 2004. 543f. Tese (Doutorado em Pré-história) - Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2004.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 307p.



HAAS, Jonathan et al. Evidence for maize (*Zeamays*) in the Late Archaic (3000–1800 B.C.) in the Norte Chico region of Peru. **PNAS**, v.110, n. 03, p. 4945-4949, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/110/13/4945.full.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 309 p.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 300 p.

MESIA MONTENEGRO, Christian. FESTINES Y PODER EN CHAVÍN DE HUÁNTAR DURANTE EL PERÍODO FORMATIVO TARDÍO EN LOS ANDES CENTRALES. **Chungará, Revista de Antropología Chilena**, v. 46, n. 3, p. 313-343, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73562014000300002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em; 30 ago. 2016.

MICHAELIS. **Dicionário Prático: Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009. 952 p.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia: tomo IV (Q-Z)**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1994. 3115 p.

OLIVERIA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2000. 256 p.

Olmeca. In Britannica Escola Online. Enciclopédia Escolar Britannica, 2016. Web, 2016. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482100/olmeca>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. 2. ed. v. 2. São Paulo: Scipione, 2013. 384 p.